

**AS RELAÇÕES DA IUGOSLÁVIA COM A UNIÃO SOVIÉTICA E OS
ESTADOS UNIDOS ENTRE 1946 E 1961: O CAMINHO PARA O NÃO-
ALINHAMENTO.**

Renata Summa

Mestre em História das Relações Internacionais pela Sciences-Po Paris

Numa Mazat

Mestre em Economia pelo IE/UFRJ

Doutorando no PEPI/UFRJ

Bolsista FAPERJ

Resumo.

O presente artigo pretende mostrar como a Iugoslávia de Josef Broz “Tito” adotou uma posição original no contexto da Guerra Fria após sua expulsão do bloco soviético, em 1948, sabendo aproveitar-se da rivalidade entre Leste e Oeste a seu favor. Por outro lado, a influência sobre a Iugoslávia foi alvo de disputas veladas entre as duas grandes potências da época, Rússia e Estados Unidos, devido à posição estratégica do país balcânico e à influência que seu destino teria em outros países do bloco socialista. Mas, com a morte de Stalin e a ascensão ao poder de Nikita Krushev, em 1953, a URSS reviu sua relação com Belgrado. Preocupados com a influência americana no país, os soviéticos normalizaram a relação com o governo iugoslavo, em 1955. No entanto, nenhuma das duas grandes potências foi capaz de gerar o alinhamento ideológico de Tito, que acabou se transformando num dos principais atores do Movimento dos Não-Alinhados.

Este artigo será dividido em três partes. Primeiramente, será estudado o período entre 1945 e 1948, durante o qual a Iugoslávia ficou na órbita da União Soviética, chegando a ser considerado o país mais “sovietizado” da Europa Central e Oriental. A falta de controle dos soviéticos sobre os processos internos iugoslavos e as grandes ambições de Tito na região dos Bálcãs se mostraram fatores de tensão na relação entre Moscou e Belgrado. Nessa época, no entanto, os EUA nutriam más relações com o país. Em seguida, serão analisadas as causas e as consequências do cisma entre Iugoslávia e URSS, do qual Washington soube se aproveitar para se aproximar da Iugoslávia numa estratégia de enfraquecimento da URSS. Por fim, serão apresentadas as consequências para as três partes decorrentes do novo cenário estabelecido por meio da normalização das relações entre Moscou e Belgrado. Nesse período, a Iugoslávia estabeleceu de maneira definitiva a orientação de sua política externa até a morte de Tito, consolidada na I Conferência dos Não-Alinhados em Belgrado, em 1961.

Palavras-chave: Iugoslávia, Estados Unidos, União Soviética, Não Alinhamento, Guerra Fria.

I.Introdução.

O presente artigo pretende mostrar como a Iugoslávia de Josef Broz “Tito” adotou uma posição original no contexto da Guerra Fria após sua expulsão do bloco soviético, em 1948, sabendo aproveitar-se da rivalidade entre Leste e Oeste a seu favor. Por outro lado, a influência sobre a Iugoslávia foi alvo de disputas veladas entre as duas grandes potências da época, Rússia e Estados Unidos, devido à posição estratégica do país balcânico e à influência que seu destino teria em outros países do bloco socialista. Os EUA viam no cisma entre Belgrado e Moscou a oportunidade de mostrar que apoiariam o afastamento da esfera soviética por parte de outros países-satélite do bloco comunista. Mas, com a morte de Stalin e a ascensão ao poder de Nikita Krushev, em 1953, a URSS reviu sua relação com Belgrado. Preocupados com a influência americana no país e com a aproximação da Iugoslávia com a Turquia e a Grécia – dois países-membro da OTAN – os soviéticos normalizaram a relação com o governo iugoslavo, em 1955. No entanto, nenhuma das duas grandes potências foi capaz de gerar o alinhamento ideológico de Tito, que sempre sublinhou seu caráter independente, e acabou se transformando num dos principais atores do Movimento dos Não-Alinhados.

Este artigo será dividido em três partes. Primeiramente, será estudado o período entre 1945 e 1948, durante o qual a Iugoslávia ficou na órbita da União Soviética, chegando a ser considerado o país mais “sovietizado” da Europa Central e Oriental. A falta de controle dos soviéticos sobre os processos internos iugoslavos e as grandes ambições de Tito na região dos Bálcãs se mostraram fatores de tensão na relação entre Moscou e Belgrado. Nessa época, no entanto, os EUA nutriam más relações com o país. Em seguida, serão analisadas as causas e as consequências do cisma entre Iugoslávia e URSS, do qual Washington soube se aproveitar para se aproximar da Iugoslávia numa estratégia de enfraquecimento da URSS. Por fim, serão apresentadas as consequências para as três partes decorrentes do novo cenário estabelecido por meio da normalização das relações entre Moscou e Belgrado. Nesse período, a Iugoslávia estabeleceu de maneira definitiva a

orientação de sua política externa até a morte de Tito, consolidada na I Conferência dos Não-Alinhados em Belgrado, em 1961.

II. O período soviético (1945-1948)

A vitória esmagadora da Frente Popular nas eleições de 1945 garantiu aos comunistas iugoslavos um controle total sobre o processo político. O Partido Comunista da Iúgoslavia exercia um controle *de facto* sobre a maior parte das instituições do país. Uma depuração dos elementos não comunistas foi realizada nos setores chaves da sociedade. Da mesma forma, os oponentes foram neutralizados. A legitimidade de Tito, que havia derrotado o fascismo e salvado a independência do país, era total.

Os comunistas iugoslavos, de 1945 a 1948, tinham como referência o modelo soviético. Milovan Djilas, número 2 do regime “titista” entre 1945 e 1954 e futuro ideólogo da autogestão escreveu assim: “*todos nós tínhamos o espírito voltado para [a URSS]. E todos teríamos mantido a nossa dedicação*” (JUDT, 2008, p. 154). Grande admirador do modelo soviético, Tito tentou, então, criar um estado inspirado na URSS para a Iugoslávia até que a ruptura com Moscou o tenha obrigado a mudar seus planos.

II.1. A relação com a União Soviética: do alinhamento às primeiras tensões.

A Iugoslávia, até a ruptura com a União Soviética em 1948, era claramente identificada, a nível internacional, como um país membro do bloco comunista. No acordo informal concluído durante a conferência de Moscou de 9 de outubro de 1944 entre Churchill e Stalin, que tinha estabelecido a zona de influência de cada país nos Bálcãs, a situação da Iugoslávia não tinha sido claramente definida¹. Mas, no plano interno, o papel central desempenhado por Tito e os comunistas na liberação da Iugoslávia, assim como a liderança incontestável que ele assumiu a partir de 1945 e

¹ Esse acordo previa uma predominância soviética na Romênia e na Bulgária enquanto a Grécia devia permanecer sob influência inglesa. A Hungria e a Iugoslávia deviam ser objeto de uma influência compartilhada (DROZ, 1992, T. II, p. 233).

as reformas implementadas não deixavam muitas dúvidas a respeito de sob qual esfera de influência o país ficaria.

Além disso, a partir de outubro de 1946, a Iugoslávia ajudou abertamente os comunistas do general Markos na guerra civil grega, ao lado da Albânia e da Bulgária, afirmando assim sem ambigüidade sua adesão ao campo socialista a nível internacional.

O principal projeto regional de Tito era a criação de uma grande Iugoslávia, que consistiria numa “Federação Balcânica” associando seu país à Albânia, à Bulgária e a uma parte da Grécia (principalmente a Macedônia). A Bulgária era o país mais entusiasmado por esse projeto. O tratado de Euxinograd, assinado em 27 de novembro de 1947, previa uma colaboração econômica e cultural total entre a Iugoslávia e a Bulgária, assim como a criação de uma união aduaneira (DE VOS, 1955, p. 118). Na Grécia, Tito pensava usar o fato de tê-los ajudado para exigir a Macedônia dos comunistas gregos, caso eles vencessem a guerra civil. O caso mais problemático era a Albânia, onde os dois principais dirigentes, Enver Hoxha e Koçi Xoxe, tinham uma visão muito divergente sobre essa questão. Enver Hoxha era profundamente hostil à idéia da “Federação Balcânica”, enquanto Xoxe, seu ministro da Defesa, que tinha combatido ao lado dos iugoslavos, estava muito favorável à sua realização. Num primeiro momento, os soviéticos não tiveram objeções em relação ao plano de reorganização regional de Tito. Mas, essa posição ia mudar a partir de 1948, quando Stalin rompeu as relações da URSS com a Iugoslávia, numa tentativa de derrubar o regime de Tito, cuja ação estava incomodando Moscou.

Boa parte da historiografia abraça o ponto de vista iugoslavo quando se trata do cisma entre Belgrado e Moscou em 1948². A visão um tanto maniqueísta que resultou desse viés historiográfico deve ser ponderada, com a ajuda de novas fontes como os arquivos soviéticos recentemente liberados³.

Assim, muitos historiadores exageram o peso das tensões e divergências originárias que não teriam parado de aumentar entre a União Soviética e a

² “The great number of Yugoslav publications about the conflict (many of them memoirs by high-ranking participants in the conflict such as Tito, Milovan Djilas, and Edvard Kardelj) provided historians with a rich—albeit one-sided—base of information” (PEROVIĆ, 2007, p. 33).

³ Será usado o artigo “The Tito-Stalin Split. A Reassessment in Light of New Evidence” de Perović (2007) para essa tarefa. De fato, Perović usou documentos de arquivos russos recentemente liberados para escrever um texto que traz uma luz nova sobre a genese da ruptura entre Tito e Stalin, vista do lado soviético.

Iugoslávia desde 1943, ano da proclamação do governo provisório liderado por Tito. Nesse caso, vale lembrar que a ruptura das relações entre a Iugoslávia e a URSS surpreendeu todos os atores da época porque a Iugoslávia dependia economicamente dos soviéticos, além de ser considerada bastante adiantada no seu processo de transição para o socialismo, principalmente se comparada a outros países do bloco socialista. A Iugoslávia era considerada o país mais próximo ideologicamente e politicamente da União Soviética, ao ponto de ser escolhida, em 1947, como sede do *Kominform*⁴ (BOGDAN, 1994, p. 431). Essa proximidade era claramente reconhecida pela URSS, que citava a política interna e externa da Iugoslávia como exemplo. Isso aparece nitidamente nas palavras do embaixador soviético em Belgrado quando ele escreve em dezembro de 1945 que “*the Yugoslav Popular Front is connecting this victory [...] with the foreign policy of the Soviet Union, which is seen as actively supporting the new Yugoslavia. This conviction is not only prevalent among the country’s leadership but also among larger circles of the democratic intelligentsia and the people*” (PEROVIĆ, 2007, p. 39). A aprovação das reformas internas na Iugoslávia por parte da URSS era, também, larga como prova esse trecho de um relatório da Comissão de Política Internacional do Comitê Central do Partido Comunista Soviético de setembro de 1947, onde está escrito que “*all reactionary and bourgeois forces in Yugoslavia had been eliminated*” e que “*the roots of inner and outer capitalism [in Yugoslavia] had been wiped out more thoroughly than in the other [East European] states*” (PEROVIĆ, 2007, p. 38).

Sendo inegável a relação estreita que existia entre a Iugoslávia e a URSS, os historiadores iugoslavos tentaram argumentar, depois do cisma com Moscou, que seu país nunca tinha abandonado sua independência. Vladimir Dedijer (1971, p. 39), ex-ministro de Tito e historiador, escreveu assim que, antes da ruptura, “*a Iugoslávia [...] fora a mais fiel seguidora da política externa soviética, mesmo do sistema interno soviético. De outro lado, tivera o mais autônomo desenvolvimento revolucionário: em 1944 e 1945, equipes treinadas em Moscou haviam assumido o poder na Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia e Bulgária, mas não na Iugoslávia*”. O antagonismo pessoal entre Stalin e Tito foi, também, exageradamente enfatizado. É

⁴ O *Kominform* (contração em russo de “Bureau de Informação Comunista”) foi uma organização criada em 1947 e encarregada de centralizar a ligação entre os partidos comunistas europeus.

verdade que existia uma certa desconfiança entre Tito e Stalin desde os tempos da Segunda Guerra Mundial, quando a URSS ajudou os *Chetniks* bem antes dos *Partisans* de Tito⁵. Mas, isso não impediu o próprio Tito de fazer a seguinte afirmação em 1945: “*the peoples of Yugoslavia have convinced themselves over the past year that in the great Soviet Union they have found the most honorable ally and the strongest protector who assists in the development [of Yugoslavia] in peacetime as well as in war*” (PEROVIĆ, 2007, p. 39). Além do mais, como será mostrado mais adiante, a decisão de romper com a Iugoslávia foi unilateralmente tomada pelos soviéticos.

As razões da ruptura entre a Iugoslávia e a URSS não devem ser procuradas, então, do lado de um suposto afastamento entre o modelo iugoslavo e a ortodoxia soviética, mas do lado da afirmação das ambições internacionais dos dois países.

A URSS, entre o final de 1947 e meados de 1948, realizou um processo acelerado de sovietação dos países do Centro e do Leste Europeu que estava na sua órbita depois da Segunda Guerra Mundial. Ela conseguiu criar uma zona de influência considerável incluindo a Romênia, a Bulgária, a Polônia, a Checoslováquia, a Hungria e a Alemanha Oriental, substituindo entre 1947 e 1948 o sistema pluralista de partidos vigente nesses países desde o pós-Segunda Guerra Mundial por governos pró-soviéticos, controlados pelos partidos comunistas locais. É interessante observar que os estados satélites do Centro e do Leste Europeu constituíam, também, para a URSS uma zona tampão contra seus inimigos ocidentais. A criação do *Kominform*, controlado pela URSS, foi considerada, na época, uma resposta soviética imediata ao Plano Marshall lançado em 1947 e antecipada ao Atlantismo concretizado em 1949 com a criação da OTAN. Os historiadores iugoslavos usaram o sentimento de indignação que esse movimento de sovietação provocou no Ocidente para difundir a idéia de que Tito estava cada vez mais irritado pelo rígido controle que a URSS pretendia exercer sobre a Iugoslávia e que, nessas condições, a ruptura era inevitável. Segundo essa leitura, Stalin não teria aceitado que a Iugoslávia estivesse tentando desenvolver um estado autônomo, com uma indústria pesada completa, um Exército forte, um planejamento

⁵ A URSS só começou a ajudar a Frente Popular de Tito a partir de 1944, ou seja, um ano mais tarde que os outros aliados (BOZIC, 1974).

centralizado nacional e um partido dirigente não controlado por Moscou. Mas essa explicação não basta porque, como escreve Perović (2007, p. 42), “*the gradual worsening of relations between Moscow and Belgrade was by no means unique within the socialist camp. The Soviet Union was establishing much tighter control over all the East European states*”. Além disso, a Iugoslávia apoiou com entusiasmo a iniciativa de sovietação do Leste Europeu, pelo menos até o cisma com Stalin. Isso permite afirmar que se a mudança na política internacional da URSS no sentido de uma sovietação da sua área de influência foi uma condição necessária para o despertar da crise com a Iugoslávia, certamente não foi uma condição suficiente. A verdadeira origem do conflito iugoslavo-soviético deve ser procurada do lado da política expansionista que Tito pretendia praticar nos Balcãs.

As primeiras tensões com a URSS começaram já no final da Segunda Guerra Mundial com as pretensões de Tito sobre o Território Livre de Trieste que a Iugoslávia disputava com a Itália. O Exército iugoslavo liberou e ocupou a cidade de Trieste a partir de abril de 1945, junto com o corpo expedicionário da Nova Zelândia. Os aliados ocidentais não pretendiam abandonar Trieste à Tito, devido à sua posição estratégica no Adriático. Esperando um apoio soviético que não veio, Tito foi quase até o conflito armado contra os aliados para obter o controle de Trieste. Mas Stalin queria evitar as tensões com os países ocidentais e não apoiou o projeto iugoslavo. Tito foi obrigado a recuar e teve que aceitar uma divisão do Território Livre de Trieste em duas zonas distintas. A Iugoslávia recebeu a administração da zona menos povoada, sem a cidade de Trieste. Esse episódio era um primeiro sinal dado pela URSS para deixar claro que ela não sacrificaria seu interesse em manter relações pacíficas com os aliados aos planos expansionistas de Tito. Isso mostrou, também, que “*Tito did not show understanding of the overriding importance of Soviet interests which the Russian leaders expected*” (AUTY, 1974, p. 287).

Nessas condições, as pretensões hegemônicas de Tito sobre os Balcãs só podiam entrar em choque com os projetos soviéticos. Já em 1943, Tito tinha tentado unificar sem sucesso os movimentos de resistência da Grécia, da Bulgária, da Albânia e da Iugoslávia sob seu comando. Um dos grandes objetivos de Tito no Pós-Guerra foi de levar adiante seu projeto de “Federação Balcânica”. Para atingí-lo, Tito considerava imprescindível conseguir incorporar a Albânia dentro da Federação

Iugoslávia⁶. Ele acreditava que a crescente colaboração econômica entre os dois países, encorajada por Moscou⁷, fosse contribuir ao sucesso desta empresa, apesar da oposição da população albanesa e de Enver Hoxha à unificação. Foi a combinação desta ambição na Albânia e da insistência de Tito em ajudar os comunistas gregos que contribuiu muito à deterioração das relações entre a Iugoslávia e a União Soviética. Os dirigentes soviéticos desaprovavam o apoio ostensivo dado a partir de 1946 pela Iugoslávia aos comunistas gregos durante a guerra civil⁸.

Além disso, em janeiro de 1948, Tito conseguiu convencer Enver Hoxha a acolher tropas iugoslavas no Sul da Albânia a fim de se garantir contra o risco de uma incursão dos “gregos monárquico-fascistas apoiados pelos anglo-saxões” (PEROVIĆ, 2007, p. 48). Esse acordo foi concluído sem sequer consultar os soviéticos, que ficaram ainda mais atordoados quando descobriram que o ministro da defesa albanês Koçi Xoxe estava trabalhando numa fusão iminente entre os Exércitos albaneses e iugoslavos. A reação de Moscou foi violenta, à altura de uma situação que podia comprometer gravemente a segurança da URSS. Molotov, o ministro das Relações Exteriores soviético escreve assim numa carta destinada a Tito: “*it is apparent that you consider it normal if Yugoslavia, which has signed a Treaty of Mutual Assistance with the USSR, not only believes it can forgo consulting the USSR about the question of deploying its army to Albania but does not even consider it necessary at least to inform [the USSR about such matters]. . . . The Sov[iet] Gov[ernment] has purely by chance, through personal discussions between Soviet representatives and Albanian officials, become aware of the Yugoslav government’s decision concerning the deployment of your army to Albania. The*

⁶ Segundo Tito, isso permitiria resolver, também, a questão dos protestos da região iugoslava do Kosovo para ser cedida à Albânia.

⁷ “*Albanian-Yugoslav relations at this time were dominated by the secret principle that ‘the way from Tirana to Moscow leads through Belgrade’*” (PEROVIĆ, 2007, p. 44).

⁸ “*Although supplies were received from Yugoslavia and Bulgaria, the Soviet government gave no encouragement or support to the [greek] rebels. Stalin, in fact, wanted the revolt halted before it caused difficulties for Soviet policy elsewhere. In April 1948 he expressed his disapproval to visiting Yugoslav and Bulgarian leaders, arguing that the rebellion had*

no prospect of success at all. What do you think, that Great Britain and the United States - the United States, the most powerful state in the world - will permit you to break their line of communications in the Mediterranean Sea! Nonsense. And we have no navy. The uprising in Greece must be stopped, and as quickly as possible” (JELAVICH, 1999, p. 312).

USSR does not consider such a procedure to be normal. But if you regard it as normal, then on behalf of the Soviet government I must inform you that the USSR cannot agree to being presented with a fait accompli. It goes without saying that the USSR as an ally of Yugoslavia is not prepared to accept responsibility for the potential consequences of such conduct" (PEROVIĆ, 2007, p. 50). Essas palavras de Molotov mostram claramente o quanto os soviéticos temiam que a persistência de Tito em querer realizar seu projeto balcânico pudesse desencadear um conflito destabilizador nesta região, no qual eles seriam arrastados pelo mero fato de serem aliados da Iugoslávia. Ele sabia que os ocidentais viam o comportamento de Moscou em relação à Grécia como um indicador dos planos expansivos soviéticos. Ora, Stalin não tinha nenhuma vontade de entrar em guerra contra os países ocidentais por uma razão fútil. A URSS tinha acabado de ter perdas humanas consideráveis e precisava concentra seu esforço na reconstituição e na ampliação do sistema produtivo, fortemente atingido durante a guerra. Não se deve esquecer que a estratégia da União Soviética era essencialmente defensiva.

A resposta soviética ao expansionismo titista foi, então, de impedir que Iugoslávia, Albânia e Bulgária continuassem ajudando os comunistas gregos. Da mesma forma, Stalin reformulou o projeto de criação de uma "Federação Balcânica" no sentido de uma associação progressiva entre a Iugoslávia, a Bulgária e a Albânia. Essa associação começaria por uma federação iugoslavo-búlgara. Só depois que a Albânia poderia se juntar aos dois países. Fica claro que Stalin pretendia com esse projeto acabar com os esforços da Iugoslávia para incorporar a Albânia. Ao mesmo tempo, ele pensava em acabar com boa parte da soberania iugoslava através do novo arranjo institucional que constituiria essa "Federação Balcânica"⁹.

Entretanto, apesar das ameaças apenas escondidas, Tito não aceitou se submeter aos planos soviéticos. Tito continuou ajudando os comunistas gregos e tentando anexar a Albânia até que finalmente Stalin decidiu romper com ele. Essa decisão era inelutável do ponto de vista de Moscou. A União Soviética não queria ser arrastada num conflito inútil e Stalin temia um efeito de contágio nos países vizinhos (KRULIC, 1993, p. 87-88).

⁹ Stalin, primeiro oposto ao projeto, queria que a Bulgária e a Iugoslávia tivesse o mesmo peso nas decisões dentro da federação, o que não podia aceitar Tito, sendo que seu país era 3 vezes mais povoado do que a nação vizinha.

II.2. As difíceis relações entre os Estados Unidos e a Iugoslávia.

Até 1948, as autoridades americanas classificavam a Iugoslávia como o mais fiel aliado da União Soviética. Em parte, essa crença era alimentada pelo embaixador americano em Belgrado, Richard Patterson, que não era um diplomata de carreira, e sim, um homem de negócios com aversão à ideologia comunista. (LEES, 1997; p.5)

Por outro lado, Tito acreditava que as pressões exercidas sobre seu governo eram o principal obstáculo para a consolidação do seu poder no país. No entanto, a relação entre os dois nem sempre foi assim. Os EUA – ao lado do Reino Unido – foram os principais responsáveis pelo envio de material militar para os Partisans de Tito durante a Segunda Guerra Mundial, cerca de 95% do total recebido por este grupo que lutava contra os nazistas (LAMPE; PRICKETT; ADMOVIC, 1990; p. 17). Logo no fim da guerra, entretanto, as relações começaram a degenerar em torno da cidade de Trieste, que a Iugoslávia disputava com os americanos. A presença americana na cidade, que durante anos foi administrada por autoridades estrangeiras, era um dos principais focos de tensão entre os dois lados. A ajuda prestada pelo governo de Tito aos comunistas do general Markos na guerra civil grega também era considerada pelos EUA uma ameaça à região. Apesar dessas tensões, os dois países resgataram, a partir de 1945, um acordo comercial firmado entre EUA e Sérvia em 1881, que dava a este último país o status de Nação Mais Favorecida.

III. A ruptura com a União Soviética e a aproximação dos Estados Unidos (1948-1955).

A ruptura entre Tito e Stalin foi um evento que deu uma grande inflexão na trajetória da Iugoslávia. Se, de um lado, a Iugoslávia perdeu um grande parceiro comercial, do outro, soube se aproveitar das tensões entre as duas grandes potências em seu benefício. Dessa forma, num curto período de tempo, a Iugoslávia passou, na visão dos EUA, de o país mais soviético fora da URSS para a nação

comunista com quem Washington nutria melhores relações. Apesar da resistência oferecida pelo Congresso em termos de ajuda a países comunistas, EUA e Iugoslávia conseguiram manter uma relação pragmática, tanto no campo político como econômico. Alguns pontos de tensão tiveram que ser reavaliados. Dessa forma, por exemplo, a ruptura do governo Tito com a URSS resultou na suspensão da proposta de retorno de Trieste ao território italiano até 1954.

III.1. A ruptura com a URSS.

Nesse contexto de tensão entre a URSS e a Iugoslávia, a reunião do *Kominform*, organizada em 28 de junho de 1948, em Bucarest¹⁰, foi caracterizada pela formulação de críticas muito graves em relação ao Partido Comunista Iugoslavo. As chamadas “forças sãs do partido” eram incentivadas a se revoltarem contra a direção que os “titistas” estavam tomando. O *Kominform* era usado por Stalin para controlar os partidos comunistas, criando tensões internas para enfraquecer as facções que poderiam discordar da linha de Moscou. Assim, o político soviético Andrei Jdanov afirmou que Tito era um espião imperialista. O Partido Socialista da Iugoslávia foi, também, acusado de ter um funcionamento antidemocrático. Teria se tornado um partido “pequeno-burguês”, seguindo uma política capitalista e tendo abandonado os princípios da luta de classe. Os Partidos Comunistas presentes na reunião deviam exercer uma pressão sobre o Partido Comunista da Iugoslávia para mudar seu rumo. Os chamados “traidores titistas” começaram a ser perseguidos nos países comunistas, acusados de traição, de trotskismo, de perversão capitalista,...

Essa estratégia foi usada pela URSS para desacreditar Tito e seus seguidores, a fim de que a iniciativa da ruptura com Belgrado não fosse vista com estranheza pelos comunistas soviéticos e do resto da Europa. Teria sido difícil confessar que a URSS estava se afastando da Iugoslávia porque Tito não aceitava submeter suas decisões de política externa aos interesses soviéticos. Existiria,

¹⁰ Os representantes dos partidos comunistas da Hungria, da Bulgária, da Romênia, da Polônia, da Tchecoslováquia, da França, da Itália e da União Soviética estavam presentes nesta reunião.

además, a delicada tarefa de explicar que a URSS deixava os comunistas gregos serem massacrados porque não queria criar tensões inúteis com o bloco capitalista.

A data de 28 de junho de 1948 marcou, então, o início da ruptura entre a União Soviética e a Iugoslávia. Essa ruptura foi uma decisão tomada por Stalin e a URSS de forma unilateral, sem que Tito pudesse realmente reverter o processo. A consequência dessa decisão soviética foi um afastamento cada vez maior entre a Iugoslávia e os outros países do bloco socialista, pelo menos até a morte de Stalin.

Grandes processos foram organizados em todos os países comunistas contra os supostos agentes iugoslavos. Esses processos foram só um pretexto para a URSS e seus representantes eliminarem eventuais oponentes comunistas ao domínio soviético nos países do bloco socialista. O caso de Rajk, o ministro do Exterior húngaro, foi um dos mais famosos. Seu julgamento teria revelado que a Iugoslávia era uma “base imperialista” nos Balcãs e na Europa Central, encarregada pelos americanos, ingleses e franceses, de desestabilizar os países comunistas. Mesmo se suas acusações eram sem fundamento, a União Soviética usou essas “revelações” em 29 de setembro de 1949 para cancelar oficialmente o tratado de amizade e ajuda mútua que existia entre ela e a Iugoslávia. Numa nota enviada nesse dia pelo governo soviético, estava escrito que “*o atual governo iugoslavo depende totalmente dos círculos imperialistas estrangeiros e foi transformado num instrumento de sua política agressiva, que deveria conduzir, e realmente conduziu, à liquidação da independência da República de Iugoslávia*” (DEDIJER, 1971, p. 187).

III.2) A necessária aproximação dos Estados Unidos.

A ruptura entre a Iugoslávia e a URSS em 1948 afetou profundamente o regime “titista”. O resultado da ruptura entre Moscou e Belgrado foi o cancelamento de todos os tratados de aliança assinados pela Iugoslávia com os outros países do bloco soviético em outubro de 1949.

As consequências para a economia iugoslava também foram dramáticas. A Iugoslávia dependia muito da URSS para seus planos de industrialização e de construção de infraestrutura, seja do ponto técnico ou financeiro. Ora, antes mesmo que a ruptura das relações entre os dois países seja oficializada, todos os oficiais e

técnicos soviéticos presentes no território iugoslavo foram chamados de volta em março de 1948. As relações comerciais entre as duas nações foram suspensas, penalizando fortemente a Iugoslávia que dependia muito do comércio com a União Soviética¹¹. Da mesma forma, as sociedades mistas soviético-iugoslavas foram desfeitas, o que atingiu duramente um país ainda em reconstrução. Além disso, um bloqueio comercial total foi decretado pelo conjunto de países do bloco soviético em 1949, o que piorou ainda mais a situação da Iugoslávia. Parte da realização do primeiro plano quinquenal era vinculada à ajuda econômica que a URSS e os outros países socialistas deviam fornecer à Iugoslávia e aos fluxos comerciais com os futuros membros do CAEM¹². É interessante observar que o produto social (conceito usado para medir a atividade econômica usado nos países socialistas, que deixa de lado os “serviços improdutivos”) da Iugoslávia só voltou a seu nível de 1949 em 1953 (PEJOVICH, 1966, p. 57).

A ruptura com Moscou levou, também, a um aumento considerável dos gastos de defesa, que passaram de 9,4% do PIB em 1948, um montante já elevado num país supostamente em paz, para 16,7% em 1950 (JUDT, 2008, p. 187).

Tito teve a proeza de usar a ruptura com a União Soviética para aumentar seu prestígio. Dessa forma, ele apareceu à população iugoslava como o corajoso defensor da independência do seu país, não importa qual fosse o custo. Mas essa postura só podia ser sustentável a longo prazo se a Iugoslávia se afastasse do modelo econômico e social soviético que ela estava tentando adotar até então.

O cisma com Moscou não significou para a Iugoslávia uma ruptura imediata e total com as práticas soviéticas. Os comunistas iugoslavos foram pegos de surpresa pela decisão de Stalin e não estavam preparados para substituir um novo modelo ao modelo soviético que eles tentavam implementar desde 1945. Num primeiro tempo, o regime iugoslavo tentou, então, demonstrar a natureza intrinsecamente comunista e não herética das suas políticas. Por exemplo, a política de coletivização das terras foi intensificada em 1949, enquanto nesse mesmo ano foi decidida a nacionalização do artesanato e do comércio, para mostrar que a Iugoslávia continuava sendo um

¹¹ A União Soviética era responsável por metade das importações e das exportações iugoslavas antes da ruptura (BENSON, 2004, p. 95).

¹² Fundado em 1949, o CAEM (Conselho para Assistência Mútua) era uma organização internacional criada pela URSS para a integração econômica dos países do bloco comunista.

país socialista. Vale a pena ressaltar que a coletivização acelerada decidida a partir de 1949 visava, também, a uma extração maior do excedente agrícola para o país sobreviver às perdas econômicas ligadas à ruptura com Moscou. Da mesma forma, o culto à personalidade de Stalin foi mantido até meados de 1949. No plano internacional, os dirigentes iugoslavos continuavam insistindo sobre os estragos provocados pelo imperialismo americano e as votações iugoslavas na ONU permaneceram alinhadas sobre as posições do bloco socialista liderado pela União Soviética (KRULIC, 1993, p. 94).

Entretanto, para a sobrevivência de sua legitimidade e de seu regime, Tito e o Partido Comunista Iugoslavo precisavam criar uma nova doutrina, um novo modelo de desenvolvimento social e econômico capaz de mobilizar a população e de justificar o afastamento da URSS, sem abandonar os princípios do socialismo. Da mesma forma, a Iugoslávia tinha que reinventar sua posição no concerto das nações. A Iugoslávia era um país socialista, mas que tinha sido rejeitado pelo bloco comunista. No contexto maniqueísta da Guerra Fria, era uma situação extremamente desconfortável.

Preocupado pelo abandono das relações comerciais e das alianças com o bloco soviético, Tito percebeu que ele teria que melhorar suas relações com os países capitalistas para assegurar a sobrevivência de seu regime. O abandono do apoio aos comunistas gregos em 1949, mesmo motivado pelo fato de que seu líder Markos ficava fiel à linha soviética, agradou as potências ocidentais. A Iugoslávia foi mais longe ainda na sua aproximação do Ocidente quando assinou um tratado de amizade mútua e de cooperação com a Grécia e a Turquia em 1953, que se tornou em 1954 uma aliança por uma duração de vinte anos. Os iugoslavos aceitaram, também, de colocar um fim, em 1954, à disputa sobre Trieste(,) que envenenava suas relações com a Itália¹³.

Os Estados Unidos, no âmbito de sua estratégia de *containment*, enxergaram o proveito que eles poderiam tirar de uma aproximação com a Iugoslávia¹⁴. Eles

¹³ A Iugoslávia ganhou toda a Ístria, assim como o porto de Fiume (hoje Rijeka), que foram integrados à Croácia. Só Trieste virou italiana (BOGDAN, 1994, p. 390).

¹⁴ *"The controversy had already proved of great advantage to the Western allies; the thirty-three divisions of the Yugoslav army were neutralized. In 1949 the border with Greece was closed, an action that effectively ended the civil war there. The defense of Italy was considerably simplified, since Yugoslavia could be considered a neutral.*

concederam os primeiros empréstimos ao Estado iugoslavo em 1950, rapidamente seguidos por um programa de ajuda alimentar. A Iugoslávia acabou recebendo mais de 1,2 bilhões de dólares de ajuda externa da parte dos EUA entre 1949 e 1955¹⁵. A assinatura em novembro de 1951 de um acordo de cooperação militar entre os dois países foi o ponto alto dessa política (BENSON, 2004, p. 95-96).

IV. A normalização das relações entre a Iugoslávia e a URSS e a criação do movimento dos Não-alinhados (1955-1961).

IV.1. A normalização das relações entre a Iugoslávia e a União Soviética e suas consequências.

Os laços criados com as potências ocidentais não impediram Tito de ver como uma necessidade a retomada das relações com a URSS e os países satélites. A oportunidade surgiu com a morte de Stalin em 1953, que permitiu aos iugoslavos almejar a possibilidade de restabelecer as relações com a União Soviética. A reconciliação oficial entre a URSS e a Iugoslávia aconteceu com a Declaração de Belgrado assinada por Tito e Krushchov em 2 de junho de 1955. Isso garantiu aos iugoslavos que eles poderiam seguir sua via original e ao mesmo tempo permanecerem reconhecidos como comunistas. Os países do bloco soviético, um depois do outro, acompanharam a decisão da URSS e normalizaram suas relações com a Iugoslávia. A única exceção foi a Albânia de Enver Hoxha, que temia as tendências expansionistas de Tito (BOGDAN, 1994, p. 454).

Mas, mesmo depois dessa normalização, as relações entre a Iugoslávia e a União Soviética conservaram certo grau de ambigüidade. Uma boa prova dessa situação de desconfiança recíproca é fornecida pelo episódio da crise de Budapeste em 1956. No início da crise, apesar da aproximação com Moscou em 1955, Tito apoiou abertamente o movimento de comunismo nacional húngaro liderado por Imre Nagy e criticou a primeira intervenção soviética. Tito concedeu asilo

Recognizing the advantages of the situation, the Western governments decided that the Yugoslav position should be supported and that efforts should be made to keep Tito in power” (JELAVICH, 1999, p. 328).

¹⁵ Metade em ajuda econômica e outra metade em ajuda militar (JELAVICH, 1999, p. 328).

temporariamente a Imre Nagy antes de entregá-lo aos soviéticos contra uma promessa de imunidade, que não foi respeitada. Foi só depois de muitas hesitações que Tito acabou aceitando a segunda intervenção soviética em novembro de 1956¹⁶. Além de querer impedir a queda do comunismo na Hungria, a decisão final de Tito foi motivada pelo medo da contaminação das idéias nacionalistas da revolução húngara dentro da própria Iugoslávia (GRANVILLE, 1998).

O caso da revolução húngara demonstra o quanto era complicado para a Iugoslávia ter uma política exterior totalmente independente, principalmente quando se tratava de países na órbita da URSS. Foi o que levou Tito a ser um dos fundadores do movimento dos não-alinhados, que rejeitava a idéia de zona de influência, seja ela americana ou soviética.

IV.2. O movimento dos Não-Alinhados.

O movimento dos não-alinhados começou de forma oficiosa com o encontro de Brioni, na Iugoslávia, em 1956, do qual participavam Nehru, Nasser e Tito. O comunicado publicado depois desse encontro enfatizou princípios comuns aos países não-alinhados, como a necessidade do desarmamento, a rejeição da bipolarização do mundo ou a busca da segurança coletiva. Mas, isso não impediu que existissem divergências entre os três dirigentes em termos da visão que cada um tinha da inserção de seu país no sistema mundial.

Em 1961, em Belgrado, se reuniu a primeira conferência oficial dos países não-alinhados, com a participação de 25 membros da ONU. Os não-alinhados se ergueram contra o domínio das duas superpotências, a União Soviética e os Estados Unidos. Eles desejavam uma nova ordem mundial na economia e na política, onde todos os países teriam uma voz e poderiam participar das decisões

¹⁶ Tito escreveu para para Krushov em 8 de novembro de 1956: *“It is true that during our conversation on Brioni we agreed with your assessment, that the weakness of the Nagy government and its actions led to the danger of the destruction of the essential socialist achievements in Hungary. We agreed that the Hungarian communists should not remain in such a government, and that they should ... decisively resist the reaction. There is no need to remind you that we expressed our doubts about the consequences of open assistance from the Soviet army from the very beginning, as well as during all conversations. But such help became unavoidable”* (GRANVILLE, 1998, p. 511).

que os afetavam. No discurso inaugural da Conferência dos Países não Alinhados organizada em 1961 em Belgrado, Tito afirmou assim que *“esta reunión [...] debe conducir a las grandes potencias al conocimiento de que el destino del mundo no puede estar sólo en sus manos”* (TITO, 1979, p. 14).

Os não-alinhados exigiam a descolonização total por parte dos países ocidentais e davam uma grande ênfase ao desenvolvimento econômico das nações periféricas. Mas, a grande heterogeneidade dos países participantes da conferência fez com que a ordem das prioridades fosse diferente, dependendo dos estados. Assim, as ex-colônias, como Gana, Indonésia ou Egito consideravam que a descolonização e a luta anti-imperialista eram as condições necessárias para o estabelecimento de uma paz duradoura no mundo. Do seu lado, a Índia e a Iugoslávia estimavam que o mais importante era o fim das tensões entre os dois blocos antagônicos¹⁷. Apesar dessas divergências, os não-alinhados conseguiram publicar um comunicado comum em que eram listados os cinco grandes princípios do movimento: *“política independente, apoio aos movimentos de liberação nacional, rejeição de qualquer tipo de aliança militar coletiva e de qualquer tipo de aliança bilateral com uma grande potência, rejeição da implantação de qualquer base militar estrangeira”* (DROZ, t. III, p. 311).

O número de países membros do movimento dos não-alinhados foi crescendo com os anos, mas, a Iugoslávia, como parte do grupo original, conservou muita influência. Como escreve Allison (1988, p. 59), *“since the early 1950s Yugoslavia has had a strong influence on the ideology and autonomous world view of the Third World. [...] During the 1960s Yugoslavia was indisputably the most influential self-proclaimed non-aligned state. Yugoslavia's conception of non-alignment and its role in the evolution of the Non-Aligned Movement brought it international renown and prestige”*. É interessante observar que a Iugoslávia era o único país não-alinhado da Europa continental.

V. Conclusão.

¹⁷ *“For the original group of non-aligned states, and Yugoslavia in particular, the principles of peaceful coexistence were [...] the sole basis of international relations in general”* (ALLISON, 1988, p. 49).

O processo que levou a Iugoslávia a adotar um modelo de socialismo diferenciado, baseado na autogestão no plano interno e no não-alinhamento no plano externo, foi imposto pela ruptura com a União Soviética em 1948. Essa ruptura deve ser atribuída à insistência de Tito em perseguir planos expansionistas nos Bálcãs apesar das consequências negativas que esse projeto poderia ter sobre a estabilidade da região e, portanto, a segurança da URSS. O cisma entre Belgrado e Moscou não foi, então, uma iniciativa de Tito para afirmar sua originalidade. Foi, pelo contrário, uma decisão tomada por Stalin e a URSS de forma unilateral para se proteger das ambições potencialmente desestabilizadoras de Tito no contexto de tensão da Guerra Fria.

A partir de 1948, a construção de um modelo original na Iugoslávia foi marcada por experimentações e tateamentos. A Iugoslávia adquiriu um grande prestígio a nível internacional com seu papel fundador no movimento dos não-alinhados. O país conseguiu tirar vantagem dessa posição e obteve reconhecimento tanto por parte dos Estados Unidos quanto da União Soviética.

VI. Bibliografia:

- ALLISON, R. (1988) *The Soviet Union and the Strategy of Non-alignment in the Third World*. Cambridge: Cambridge University Press.
- AUTY, P. (1974) *Tito. A Biography*. Harmondsworth, England: Penguin Books.
- BENSON, L. (2004) *Yugoslavia: a Concise History*. Londres: Palgrave Macmillan.
- BOGDAN, H. (1994) *Histoire des Pays de l'Est. Des Origines à nos Jours*. Paris : Perrin.
- DALMAS, L. (1950) *Le Communisme Yougoslave depuis la Rupture avec Staline*. Paris : Terre des Hommes.
- DEDIJER, V. (1971) *A Batalha que Stalin Perdeu*. Rio de Janeiro: Artenova.
- DE VOS, M. (1955) *Histoire de la Yougoslavie*. Paris: Presses Universitaires de France.

- DRAGNICH, A.N. (1958) Recent Political Developments in Yugoslavia. *The Journal of Politics*, Vol. 20, No. 1 (Feb., 1958)
- DROZ, B. e ROWLEY, A. (1992) *Histoire Générale du XXe Siècle*. Paris : Seuil.
- FEJTÖ, F. (1992) *Histoire des Démocraties Populaires*. Paris : Seuil.
- GRANVILLE, J. (1998) *Hungary, 1956: The Yugoslav Connection*. *Europe-Asia Studies*, Vol. 50, No. 3 (May, 1998), pp. 493-517
- HOFFMAN, G.W. (1967) *The Problem of the Underdeveloped Regions in Southeast Europe: A Comparative Analysis of Romania, Yugoslavia, and Greece*. *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 57, No. 4.
- JUDT, T. (2008) *Pós-Guerra. Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- IVANOVIC, D. (1963) *A Iugoslávia de Tito*. São Paulo: Saraiva.
- JELAVIC, B. (1989) *History of the Balkans. Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KRULIC, J. (1993) *Histoire de La Yougoslavie de 1945 à nos Jours*. Bruxelles : Editions Complexes.
- LAMPE, J.R. (2000) *Yugoslavia as History: Twice there was a Country*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LAMPE, J.R.; PRICKETT, R.O. & ADAMOVIC, L.S. (1990) *Yugoslav-American Economic Relations since World War II*. Durham: Duke University Press.
- LEES, M.L. (1997) *Keeping Tito Afloat. The United States, Yugoslavia, and the Cold War*. University Park, Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press.
- PEJOVICH, S. (1966) *The Market-Planned Economy of Yugoslavia*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- PEROVIĆ, J. (2007) *The Tito-Stalin Split. A Reassessment in Light of New Evidence*. Cambridge (Mass.): *Journal of Cold War Studies*, Volume 9, N° 2, p. 32-63.
- RIASANOVSKY, N.V. (2005) *Histoire de la Russie des Origines à 1996*. Paris : Robert Laffont.
- TITO (1979) *Tito y el no Alineamento*. Belgrado: Cas.
- VERNANT, J. (1955) *Quelques Données de Fait sur la Situation des « Neutres » en Europe*. Paris : *Politique étrangère*, N°4, 20e année, p. 492-499.